



“APRENDIZ DE FEITICEIRA E PERSCRUTADORA DO ÂMAGO E DOS LABIRINTOS DO SER”: NARRATIVAS NA POSSE DE MARIA DO CARMO BARRETO CAMPELLO NA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

Maria Clara C. de Mello Oliveira

Graduanda em História, Unicap

maria.2021103734@unicap.br

Maria Helena Bandeira Alves

Graduanda em História, Unicap

maria.00000849231@unicap.br

RESUMO

Maria do Carmo Barreto Campello de Melo, poetisa nascida na cidade do Recife, foi a terceira mulher a ser imortalizada pela Academia Pernambucana de Letras. Na noite do dia 21 de janeiro de 1982, assumiu a cadeira de número 29, outrora ocupada por Jayme Griz; na cerimônia de posse, ela foi saudada pelo discurso do jornalista e professor Nilo Pereira, realizando, em seguida, o seu discurso. Neste trabalho, procuraremos examinar criticamente ambas as falas na íntegra, sob uma ótica de problematização de gênero, buscando, assim, compreender a forma como Maria do Carmo se compreendia enquanto sujeito dentro desse espaço majoritariamente masculino, bem como, analisar o discurso de seu paraninfo, ao apresentar um perfil da nova imortal as pessoas presentes. Como aporte teórico utilizaremos os estudos de Michel Foucault sobre o discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Intelectuais; Discurso.

INTRODUÇÃO

A Academia Pernambucana de Letras foi fundada em vinte e seis de janeiro de 1901, sendo a quarta academia de letras do Brasil. Em sua vasta história, foi casa de muitos escritores, dentre eles Maria do Carmo Barreto Campello de Melo, poetisa cujo seguinte artigo se debruça sobre, tratando especificamente da sua cerimônia de posse e dos discursos apresentados tanto por ela, quanto por Nilo Pereira, responsável por recebê-la.

Barreto Campello nasceu em 21 de julho de 1924 e morreu em 23 de julho de 2008, com oitenta e quatro anos; filha de Lilia Araújo Barreto Campello e de Francisco Barreto Campello, também acadêmico. Fez bacharel e licenciatura em Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia do Recife, e depois realizou pós-graduação na UFPE, em Especialização e Aperfeiçoamento em Literatura e Língua Portuguesa. Trabalhou no jornal do comércio e como professora de português e latim, além de ter publicado quatorze obras e participado de diversas coletâneas. Estava também envolvida em diversos projetos, inclusive o Projeto Arte e Vida, que buscava tirar crianças e adolescentes da convivência com a violência e o tráfico de drogas por meio da arte. Por fim, Maria do Carmo foi a terceira mulher a ingressar como imortal da Academia Pernambucana de Letras, em 21 de janeiro de 1982, sendo precedida apenas por Edwiges de Sá Pereira (13 de maio de 1920) e Maria Dulce Chacon de Albuquerque Nascimento (3 de maio de 1960). Ela se apossou da cadeira de número vinte e nove, cujo patrono era o Padre Gomes Pacheco e que pertenceu a nomes como Mário Sette, Estêvão Pinto e Jayme Griz.

O escolhido para saudá-la, como dito anteriormente, foi Nilo de Oliveira Pereira (ou apenas Nilo Pereira, como é mais conhecido). Nilo nasceu no dia 11 de dezembro de 1909, na cidade de Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, onde concluiu seus estudos na educação básica. Posteriormente se mudou para Natal, Capital do estado, e cursou Humanidades e a escola de Comércio. Além disso, prestou vestibular e cursou o primeiro ano de Direito no Rio de Janeiro, mais tarde, a partir do segundo ano, se transferiu para a Faculdade de Direito do Recife, no qual concluiu seu bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1932.

Contudo, Nilo Pereira atuou poucas vezes na área da advocacia. Sua vocação como jornalista tem maior destaque. No Recife, trabalhou em diversos jornais como o do *Commercio* e o *Diário de Pernambuco*, entre outros. Ademais, também era professor,

lecionou em vários colégios do Recife, o Ginásio Pernambucano, o Nóbrega e o Salesiano, são alguns desses colégios.

Bem como, ocupou diversos cargos e funções relevantes durante sua vida pública em Pernambuco, como por exemplo: foi membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, professor catedrático da Universidade Católica de Pernambuco, Deputado Estadual e membro da Academia Pernambucana de Letras. Por fim, é notório destacar algumas de suas obras literárias: *O Estado Novo em Pernambuco* (1989), *Igreja e Estado: relações difíceis* (1982) e *Pernambucanidade: alguns aspectos históricos* (1983).

Nilo era amigo de Maria do Carmo e de seu pai, sendo alvo de profundo respeito por parte dela como pessoa e como escritor, como demonstrado no seguinte trecho de seu discurso:

“Chego, e quem me recebe? Antes de tudo, um amigo: Nilo Pereira, que não só diz mas saboreia a palavra dita. Nilo Pereira, meu amigo, amigo da minha família, amigo do meu Pai — Barreto Campello — seu antigo companheiro nesta Casa. Nilo Pereira, amigo dos amigos. Mas, também, Nilo Pereira, homem do saber. O culto, o erudito, o mestre da Palavra.”

MARIA DO CARMO POR ELA MESMA



“E era a gaiola e era a vida era a gaiola
 e era o muro a cerca e o preconceito
 e era o filho a família e a aliança
 e era a grade a fila e era o conceito
 e era o relógio o horário o apontamento
 e era o estatuto a lei e o mandamento
 e a tabuleta dizendo é proibido.
 E era a vida era o mundo e era a gaiola
 e era a casa o nome a vestimenta
 e era o imposto o aluguel a ferramenta
 e era o orgulho e o coração fechado
 e o sentimento trancado a cadeado.
 E era o amor e o desamor e o medo de magoar
 e eram os laços e o sinal de não passar.
 E era a vida era a vida o mundo e a gaiola
 e era a vida e a vida era a gaiola.”
 (BARRETO CAMPELLO, 1986)

A religiosidade e a família são temáticas bastante frequentes em tudo o que Maria do Carmo produziu, e em seu discurso de posse, proferido em vinte e um de janeiro de 1982, não seria diferente. Perpassando por estes tópicos, fica claro que avulta sobretudo um terceiro, também marcante em outros escritos: o silêncio.

Não um silêncio originado apenas de uma ausência de fala, de ruído, mas um silêncio de solidão, de se estar quase que a parte da vida. Essa densidade de pensamento e sensações são bem emblemáticas, considerando que estava percorrendo um espaço majoritariamente masculino — na época, só Dulce Chacon era uma mulher imortal, e ela faleceu uns meses depois da posse de Barreto Campello —; porém não no sentido de entrar na academia em si, até porque seu pai era acadêmico, e sim no fato de que o ambiente de escritores não era convidativo à mulheres, mesmo as financeiramente privilegiadas, como ela. Para além disso, Maria do Carmo fala da vida como se fosse muito difícil, tortuosa, insociável “*o ofício de viver é sempre um penoso ato cotidiano e individual.*”; é interessante pensar nisso tendo a consciência de que fazer parte de uma minoria sempre vai ser penoso de alguma forma, mesmo ela não falando diretamente sobre o ser Mulher e sim sobre o ser Poeta — e o não falar, aqui, deve ser observado por si só.

A partir disso, fica claro: venera a palavra e conseqüentemente a escrita por entendê-la como conector fundamental do Eu com os Outros. Como um escape. É a palavra, para ela, que torna alguém um Alguém, que lhe confere valor, o status de indivíduo: “*A palavra que - aprendiz de feiticeira e perscrutadora do âmago e dos labirintos do ser - é detentora da possibilidade de recriá-lo [o ser] na medida que o define.*”. A palavra pode ser a prisão, mas é simultaneamente a chave que a liberta da cela (ou, como ela mesma descreve no poema citado acima, da *gaiola*).

Ao ler o discurso, logo se vê a quantidade exacerbada de citações e referências que faz a outros autores, sendo trinta e duas no total; dessas, vinte e nove são de homens, o que leva a pensar novamente na questão do mundo da escrita ser masculino não só para os escritores, mas para leitores também. A maioria das referências dela como escritora vem deles, e das três citações que são de mulheres, duas são de Clarice Lispector, uma delas sendo: “*Que esforço eu faço para ser eu mesma*”, que mais uma vez reforça a existência como algo pesado, dificultoso, difícil de lidar.

Outra característica do discurso é que, quando chega em sua parte final e Maria do Carmo fala de si mesma diretamente, é em um teor um tanto depreciativo. A escrita, como demonstrado, é bastante significativa em sua vida e ela era extremamente capaz, possuindo um currículo extenso; todavia, a partir daí, só fala de quem é como se fosse ninguém e como se viesse de Lugar Nenhum, enquanto, ao falar dos homens que a antecederam em sua cadeira e até do presidente da academia da época, citá-los como pessoas de extrema autoridade e competência: “*Chego a esta Casa e, devo dizê-lo, sinto-me perdida entre pessoas de tanto saber.*” / “*Amigos, a vocês peço desculpas por chegar sem nome e vir de longe sem dizer de onde.*”, esta segunda sendo uma citação direta de Audálio Alves.

MARIA DO CARMO POR NILO PEREIRA



A partir da análise do discurso de saudação, feito para Maria do Carmo por Nilo Pereira, é possível observar uma tentativa de não reproduzir estereótipos de gênero, porém ao longo do discurso nota-se que há um sistema de exclusão, o qual as mulheres estão inseridas, que é reforçado de forma imperceptível e absorvida de maneira inconsciente.

Indubitavelmente, a entrada de Maria do Carmo na Academia em 1982 durante o período da Ditadura Militar, caracterizada pelas ações femininas que contestavam às relações de naturalização do poder dos homens sobre as mulheres e em outros âmbitos da sociedade, interfere diretamente na forma que Nilo se articula para apoiá-la na sua chegada em um espaço formado, majoritariamente, por homens para transpassar essa dominância masculina na Academia Pernambucana de Letras.

No início da saudação ele se refere a ela como poetisa, não como poeta e questiona “*Porque masculinizar a mulher até nisso?*”, e dessa forma, romper com a ideia de que uma mulher deve assumir comportamentos socialmente e culturalmente relacionados a homens para serem ouvidas e conquistarem seu espaço.

Contudo, durante o desenvolvimento do discurso essa ideia inicial defendida por Nilo Pereira entra em contraposição no momento em que ele exalta Maria do Carmo prezando pelo seu lado emocional, como no trecho: “*Ela que é poemática /Vinda do coro dos anjos, /Sem rígida disciplina, /Sem lei e sem gramática*” é notório que características

como racionalidade, objetividade e foco não são colocadas em evidência, por serem atribuições, normalmente, associadas a homens.

Outrossim, o fato de que a chamada “liberdade poética”, concedido a um poeta ou uma poetisa, para se expressar criativamente, sem obediência rígida a uma gramática, a um código ou a um modelo convencional de escrita, foi direcionado a ela, quando ele afirma: “*Sem rígida disciplina, / Sem lei e sem gramática*”, no entanto, são poucos os adjetivos que ele utiliza e que poderiam ser utilizados também para se referir a homens sem destacar a parte sensível dela.

“A poesia, em Maria do Carmo Barreto Campello de Melo, é ela toda — a alma, o coração, a inteligência, a sensibilidade, a devoção, o mistério, a harmonia, a beleza, o encanto das coisas obscuras que só ficam claras diante de Deus.” (PEREIRA, 1982).

Além disso, em diversos trechos do discurso, ele a compara com cerca de oito escritores — *Seus versos filosóficos / lembram Claudel, o místico(...) / Lembram Péguy, o profeta, E o também Grande poeta/ Que é o Murilo Mendes, / Ou esse outro vidente / Jorge de Lima(...)* — é importante destacar que entre eles, apenas uma é mulher: “*Nos Passos da Via- Sacra/ Ela nos leva ao Mistério,/ Como Raissa Maritain, / Empunhando o seu Saltério.*”, nesse trecho ele cita a poetisa francesa Raissa Maritain e evidencia a falta de representatividade feminina na literatura durante década de 80.

As meninas não eram incentivadas a desenvolver a escrita e lutar pela validação da sua voz, muitas vezes, podadas pela família ou controladas pelo marido, o conjunto desses fenômenos resultaram na predominância de homens como referências literárias, fortalecendo o processo de exclusão citado acima, revelando que a desigualdade de gênero é estrutural e histórica na sociedade e atinge o ambiente literário.

Dentro desse cenário, o discurso de Nilo Pereira, em grande parte, ofusca a entrada de Maria do Carmo, mas no momento em que afirma “*Chega pela mão do pai / A poetisa da noite*”, dessa forma, há uma camuflagem do talento dela para a escrita, reduzindo seus méritos a sombra do legado do pai.

Em suma, toda a concentração que Nilo Pereira realiza para ruptura dessa segregação perde a força quando seu discurso se enquadra em uma visão que perpetua o

conjunto de princípios que mantem essa discriminação. Sendo assim, apesar da finalidade da saudação ser não masculiniza-la, ela é apresentada numa perspectiva patriarcal.

CONCLUSÃO



“A história das mulheres narra e revela uma história do silêncio, uma história do confinamento, mais do que do esquecimento.” (TEDESCHI, 2016, p. 155).

Primeiro, parte-se do pressuposto de que nem o discurso nem o local são neutros. A pessoa que discursa e seu discurso em si estão sendo observados por quem está ouvindo-os e deve, em teoria, obedecer às regras implícitas que cada local tem — e que norteiam o quê e como a palavra deve ser dita/ouvida. Há sempre intencionalidade no que é apresentado.

Tendo isso em mente, Foucault fala a respeito das três formas de interdições presentes nos discursos: o tabu do objeto, que é o fato de não se ter o direito de dizer tudo o que quer; o ritual da circunstância, que é não poder falar de tudo em qualquer circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala, que é a noção de que qualquer um não pode falar de qualquer coisa — quem tem poder pode, quem não, tem sua fala invalidada, descartada.

Retomando os discursos de Maria do Carmo e de Nilo Pereira, podemos observar que ela em nenhum momento fala abertamente do que é ser uma mulher que possui um ofício considerado masculino, é tudo narrado nas entrelinhas, sob muita angústia. Ele, ao contrário, tem mais liberdade de tentar incluí-la, de tentar quebrar certos estereótipos, por estar numa posição de poder — ou seja, possui o direito de tocar nesse assunto sem que sua fala seja desconsiderada.

Então, podemos considerar o tabu do objeto sendo a vivência da mulher — no caso, de Maria do Carmo — como escritora, o ritual da circunstância exigindo, de forma implícita, que ela não pudesse expressar suas dores de forma direta, afinal, era uma cerimônia oficial da Academia Pernambucana de letras e são inúmeras as ocasiões em que falas femininas deste teor foram interpretadas como histéricas, exageradas, etc; mesmo que fosse um ambiente “novo” para ela, a Academia não estava a parte da sociedade, pelo contrário.

Nesse contexto, esse sistema de exclusão que atinge o discurso dela está diretamente ligado com o poder, visto que *“o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”* (FOUCAULT, 1970). Sendo assim, Nilo tenta validar a palavra de Maria do Carmo, através da sua saudação para que ela seja acolhida e ter sua verdade e relevância dentro daquele ambiente patriarcal.

Finalizando, o direito privilegiado seria exercido por Nilo Pereira. Em sua fala, Nilo tentou de certa forma quebrar com estereótipos de gênero, como na parte em que diz: *“Porque masculinizar a mulher até nisso?”*, e isso se dá ao fato de, por ser homem, se sentir confortável o suficiente para tocar em assuntos mais delicados para a época sem nutrir o receio de ser ridicularizado, criticado ou invalidado de alguma forma, fosse pelos seus colegas de Casa, fosse pela imprensa.

Tudo o que foi levantado no artigo nos levou a pensar no quão verdadeiramente os espaços acolhem as mulheres, mesmo quando permitem que elas os adentrem. Outrossim, vale salientar a reflexão feita sobre a participação feminina em áreas de trabalhos formadas, em grande parte, por homens desde a década de 80 até os dias atuais e analisar que, apesar dos avanços, a representatividade das mulheres na literatura vem crescendo, mas ainda enfrenta desafios como a desigualdade no mercado editorial.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso de Michel Foucault**. Tradução: Adalberto de Oliveira Souza. Apontamentos nº 29. Universidade Estadual de Maringá, 1995.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Unesp, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense. Universitária, 2007.

Criação da Academia Pernambucana de Letras. Recife. Disponível em:
<https://aplpernambuco.com.br/historia/criacao/>

A poesia plural de Maria do Carmo Barreto Campello de Melo. Disponível em:
<http://www.domingocomposia.com.br/2014/07/a-poesia-plural-de-maria-do-carmo.html>

SILVA, Bruna Caroline da. **MARIA DO CARMO BARRETO CAMPELLO: TRAJETÓRIA E REPRESENTATIVIDADE DE UMA POETISA RECIFENSE.** Recife, 2019.

POETAS DA RUA DO IMPERADOR. Recife: Pool, 1986. Coletânea em homenagem ao Dr. F. Pessoa de Queiroz e ao jornalista Esmaragdo Marroquim.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres.** Raído, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016. Disponível em: . Acesso em: 09/09/2023.

GASPAR, Lúcia. **Nilo Pereira.** Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 09/09/2023.

IMAGENS

<http://apoesiadobrasil.blogspot.com/2016/01/maria-do-carmo-barreto-campello.html>

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=200

<https://pt-br.facebook.com/recantigo/photos/solar-sede-da-academia-pernambucana-de-letras-aplav-rui-barbosa-1596arquivo-naci/2171658382974700/>